



306

CRISTIANE WEBER
FRANCISCO LUZ
LUCAS DRECKSLER
MATHIAS SEIBEL
GABRIEL EW BACCARIN

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

RESUMO

306 é uma produção audiovisual, realizada através da Universidade Feevale em 2009. O curta, caracterizado no gênero Docudrama, trata sobre a violência no trânsito e mistura cenas totalmente ficcionais, com histórias reais e entrevistas e serviu como uma experiência para a exploração de novos gêneros na produção audiovisual para o jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: docudrama; ficção; trânsito; conscientização; comunicação.

INTRODUÇÃO

As estatísticas do trânsito estão estampadas diariamente nas capas dos jornais. Ou são contadas por apresentadores de rádio e televisão. A informação é praticamente banalizada, estão todos anestesiados por tanta violência. E o máximo que se consegue é um comentário ou outro das pessoas ao lerem. Quando não são parentes ou amigos daqueles que recebem a notícia via imprensa, é como se houvesse um processo de abstenção. Porém, quando isso ocorre com alguém próximo, é como se o mundo desabasse sob nossos pés. Para alavancar uma discussão sobre o assunto, a produção 306 foi criada. A mensagem principal é a de que um erro pode ser fatal. Como ninguém está livre de um erro, como podemos evitá-los com atitudes conscientes? Onde está o nosso papel de mudar estas estatísticas? Cada vez que dirigimos um veículo, estamos parte deste processo. Se atravessamos a rua em local errado, também. Ou seja, é impossível se abster. É preciso mais consciência.

O presente trabalho pretende analisar a produção em docudrama aplicada ao jornalismo interpretativo e o impacto que causa no espectador.

Segundo X, “o docudrama, ou a ficção histórica, baseia-se num enredo e faz uso de atores, direção e cenários, objetivando reconstruir acontecimentos corriqueiros ou já



documentados por testemunhas e/ou registros históricos.”

2 OBJETIVO

- Avaliar o gênero docudrama aplicados a produção de jornalismo interpretativo.
- Criar um roteiro sobre violência no trânsito, para ser gravado no gênero docudrama.
- Analisar os impactos do docudrama como meio informativo em relação com os impactos do telejornal.

3 JUSTIFICATIVA

Deve-se chamar a atenção para os graves acidentes que ocorrem diariamente em estradas federais e estaduais, além dos que acontecem em vias urbanas. Através da história de Mariana, uma jovem que começa a ter alucinações com amigos que já morreram, o espectador poderá refletir sobre os atos que não têm volta e que podem acabar com uma vida em poucos segundos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Primeiramente, fez-se um levantamento bibliográfico sobre o gênero Docudrama, para entender melhor suas características e a diferença deste para a ficção e o documentário. Após, foi desenvolvido um roteiro, que foi gravado em 4 semanas, na Universidade Feevale, Novo Hamburgo, através da disciplina “Produção Eletrônica”. A edição transcorreu em 1 mês e o resultado foi analisado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O docudrama “306” foi gravado nas dependências do campus da Universidade Feevale durante quatro semanas. O drama conta a história da jovem Mariana, uma garota mimada e de personalidade forte, que dirige sem o mínimo de cuidados no trânsito. A história se passa em setembro de 2009. 19h15 min. Mariana chega ao Campus e estaciona o carro. Estranhamente, há várias vagas, o que a faz pensar rapidamente que aquele é um feriado. Pudera, vivia ocupada demais com sua profissão para se dar conta de um feriado no meio da semana. Consultando o calendário, porém, ela se dá conta de que 12 de setembro não é um feriado e sim mais um dia comum na universidade. Consultou o relógio: 19h 17 min. Nenhum movimento no estacionamento, nenhum ruído, nada. Desligou o motor e ficou olhando ao redor. Por várias vezes, reclamou da falta de vagas, das manobras intermináveis, do congestionamento para acessar a universidade. Agora, tão fácil parecia, que não havia nem graça. Saiu do veículo, batendo a porta com cuidado. Olhou mais uma vez ao redor.



Nada. Nem os agentes patrimoniais estavam por perto. Parecia um domingo cinzento. Ligou o alarme e se encaminhou ao prédio onde teria aula. O ruído do salto alto agora parecia estridente no solo arenoso do estacionamento. Ela pisou com cautela, com medo de chamar a atenção. Hesitou, pensando em voltar para o carro e partir. Mas a alma de jornalista quase formada a impulsionava a seguir. E se fosse um seqüestro no campus? E os alunos tivessem sido abduzidos? Riu, sarcástica. De qualquer modo, se fosse isso, alguns iriam até bem.

Mas voltou a concentração novamente ao vácuo. Caminhou mais um pouco quando, em um sobressalto, ouviu o alarme do carro se espalhando pelo local como uma sirene de bombeiros. Agora parecia alto demais, pela falta de ruídos externos. Quando se virou, pronta para apenas acionar um botão, paralisou por um instante e quase sentiu a força das pernas desaparecer: parado ao lado do veículo estava o amigo, Francisco. Não bastasse o susto de ver mais alguém ali, ao lado do carro, como um gatuno pronto a lhe roubar o automóvel, Mariana processou rapidamente as idéias e quase desmaiou. Apertou os olhos, ele ainda estava lá. Apertou de novo e agora ele estava mais perto. Já ia desmaiar quando Francisco lhe segurou pelos braços. O nervosismo de Mariana era plausível. Chico era seu amigo de infância, estudou com ela durante os primeiros anos da faculdade, mas ela não estava louca: ele havia morrido há três meses. Estranhamente, ela não lembrava em quais circunstâncias. Mas tinha certeza que ele estava morto.

Em um rápido diálogo, para sua surpresa, Mariana constatou que estava com a razão. Chico confirmou a morte e abriu o motivo: havia “desencarnado” em um acidente de automóvel. Estava na carona, não percebeu exatamente o que aconteceu em uma fração de segundos. O corpo foi impulsionado para frente a uma pressão de 215 quilos, o suficiente para matá-lo na hora. A história deixou Mariana enjoada, com vontade de vomitar. Mais do que nervosa por estar vendo uma pessoa morta, ela não entendia como aquilo estava acontecendo. Antes mesmo que pudesse questionar a história em seus mínimos detalhes, Chico se despediu e simplesmente evaporou no ar. Nenhum vestígio de sua presença e Mariana achou que estava mesmo trabalhando demais. No outro dia, decidida, iria ao psicólogo para tentar esclarecer os fatos. Se não adiantasse, pediria auxílio a um espírita. Alguém haveria de explicar a ela o que estava acontecendo.

No dia seguinte, ela procurou uma terapeuta conhecida que não via há tempos. Seria uma boa oportunidade de revê-la e procurar auxílio terapêutico. Bateu na porta do consultório da amiga Ana, que havia se formado anos antes. Ninguém apareceu. Bateu mais uma vez, nada. A espera parecia prolongar a angústia que vinha desde o dia anterior. Já ia se virando



para ir embora quando Ana surgiu à porta. Um pouco pálida, sim, mas Mariana preferiu não comentar. A amiga agradeceu a presença de Mari, como a costumava chamar. A jovem entrou na sala e em poucos minutos ambas estavam conversando normalmente sobre o assunto. Levemente constrangida por abordar este assunto com a amiga, Mari foi observando ao redor enquanto falava. Estranhou, por relance, que os jornais e revistas estivessem embaixo da porta. A planta ao canto do consultório estava quase morta. A mesa empoeirada. Como se alguém não estivesse ali há meses. Levantou-se, em sobressalto. Ana estava na janela, quase como se fosse cometer suicídio. Parecia chorar copiosamente e Mari se aproximou. Com medo de dizer as palavras erradas. A amiga agora parecia estranha. Tinha hematomas no rosto e nos braços. E uma mancha que parecia ser de sangue na roupa. Em olhos de súplica, implorou para que Mari saísse dali. Mas ela permaneceu. Queria saber o que estava acontecendo. Será que... Não. Não poderia ser. A amiga também estava morta. O que estaria acontecendo? Não era possível. Aquilo não poderia estar acontecendo com ela. Em estado de choque, Mari ouvia Ana falar coisas desconexas sobre uma curva. E um cavalo. Mari achou que fosse desmaiar novamente (aquilo já estava se tornando uma paranóia), mas respirou fundo e entendeu que a amiga também havia sido vítima de um acidente de trânsito. Olhou novamente ao redor. Estava sozinha, mais uma vez. Saiu correndo dali e mal encostou a porta. Agora, ali estava uma placa de “aluga-se”. Ela saiu corredor a fora, com medo de surtar ali mesmo. E correu novamente para dentro do carro, de onde nunca desejou ter saído.

Naquele dia, à noite, Mariana voltou ao Campus. Qual não foi sua surpresa quando tudo estava novamente vazio. Ela tentou ligar o rádio, para ver se escutava algo a respeito. Mas nem o rádio estava sintonizando. Já estava achando tudo aquilo bizarro demais quando o circo dos horrores continuou. No banco de trás, sentado a fitar ela pelo retrovisor, estava o colega de aula, Estevão. Ela saiu rapidamente do veículo, tropeçando nos sapatos. Tentou correr, mas ficou petrificada. Estevão mal olhava para ela e só mirou seus olhos quando ela voltou a respirar. O rapaz falava algo baixo, mas se fez ouvir. Estava lamuriando o fato de não ter ido para a praia naquele final de semana. Mariana já não estava mais gélida, mas tinha consciência do que estava acontecendo: assim como os outros - com exceção de Ana, que ela não sabia que havia falecido - Estevão estava morto. Ela mesma havia ido ao velório, tinha certeza. A reação que teve ao constatar aquilo era quase inócua, porque já não havia mais novidade naquele cenário. Era o horror pelo horror. Em doses mais homeopáticas. Mariana tentou chegar perto do carro, mas teve medo. Estevão, até então, era o único que parecia repreendê-la com o olhar. Ela sabia que algo de muito grave havia



acontecido, mas não sabia o que. De repente, ele distendeu as feições e parecia agora pronto para dormir. Ana achou que ele estava perto de desmaiar - ora, e os mortos desmaiavam? - e tentou acudi-lo. Mas como por magia negra, as quatro portas do veículo travaram. Ela achou que ele fosse sufocar lá dentro (Mariana, os mortos não sufocam!) e começou a gritar. Quis pedir ajuda desesperadamente, mas ninguém ouvia. O campus, mais uma vez vazio, apenas registrava os ecos do desespero. A chave do veículo havia ficado na ignição e por mais que ela tentasse (benditos e eficientes travadores de porta) nada acontecia. Ao olhar para o banco traseiro, seus olhos perderam o brilho. Estevão estava agora, ainda no banco de trás, com um lençol manchado de sangue sobre o corpo. Um destes colocados sobre vítimas de acidentes de trânsito, que escondem da curiosidade mórbida a face da tragédia. Ela ainda tentou abrir as portas, mas desistiu. Correu para longe do carro e enquanto se afastava, tropeçou. Tentou resistir à queda, mas pensou: e se eu me deixar cair, bater a cabeça, se tudo isso for um sonho? Ou um terrível pesadelo? Nada mais aconteceu do que o esperado e Mariana tombou. Deixou-se ficar ali, as pernas pro ar, tentando raciocinar.

Chico, Ana e Estevão estavam mesmo mortos, disso ela tinha certeza. Mas porque só ela os via, depois deste estado? Porque as pessoas do campus não estavam ali? Foi então que o terror deu lugar a um lapso de lucidez. Mariana teve a idéia de ir ao arquivo da biblioteca, nos periódicos, tentando achar algo sobre os acidentes que haviam vitimado os amigos. Ao chegar à biblioteca (e ela ainda se espantava!) não havia ninguém nos balcões. Mariana já havia deixado os questionamentos sobre o vazio de lado. Se os computadores estivessem ligados, já seria de um valor imensurável. Correu para o primeiro que viu e teve sorte. O equipamento não só estava ligado como emitia sinal de internet. Começou a vasculhar os arquivos dos jornais locais, em busca de nomes e fatos. Nada. Nenhuma linha sobre os nomes mencionados. Nenhum acidente de trânsito registrado pelos principais jornais do Estado. Maldição! Nada, nenhum registro. Seria possível? Seria. Àquela altura, nada mais era impossível.

Mariana desligou o computador e quando saía da biblioteca, viu uma pessoa vindo ao longe. Mais um morto, ela pensou? Aos poucos, a silhueta se tornou conhecida. Era Mirian, a irmã mais velha. Finalmente alguém vivo para lhe acalantar. A jovem mal conteve a emoção e correu para abraçar a irmã, que já a esperava de braços abertos. As duas se abraçaram por tanto tempo que aquilo pareceu uma eternidade à Mariana. Como havia um banco por perto, ambas sentaram-se e apenas olhavam uma para a outra. Mariana achou graça do vestido claro de Mirian e iria emitir um comentário de que a irmã mais parecia



uma noiva. Mas pensou na hipótese de Mirian ficar ressentida e afastar a única pessoa viva dali - além dela, é claro - e apenas abraçou a irmã novamente. De repente, como impulsionada por uma descarga de adrenalina, Mariana começou a contar tudo que havia vivido nas últimas 48 horas à irmã. Freneticamente, ia narrando os fatos e os amigos mortos que havia encontrado desde que estacionara o carro no dia anterior até àquele momento, quando a visualizara se aproximando. Mirian apenas olhava, o olhar terno de uma irmã mais velha. Um olhar que encheu Mariana de emoção. E como uma represa, as lágrimas vieram a seus olhos e ela apenas se acalmou, encostando a cabeça nas pernas da irmã, que lhe afagou os cabelos com calma, até que ela adormecesse.

No Campus, as pessoas andavam freneticamente, de um lado para o outro, em mais um dia normal de aula. Os restaurantes continuavam a servir sanduíches e chocolates. O setor de Xerox emitia cópias com a velocidade da luz. Os professores conversavam em salas reservadas. E os alunos se aproximavam dos prédios correspondentes. Uns animados, outros chateados, uns poucos cansados e alguns incrédulos. Formando um grupo em frente à televisão do restaurante, as pessoas assistiam à notícia de que cinco jovens haviam morrido em um grave acidente de carro. A causa do acidente estava esclarecida. O exame de sangue colhido na condutora, Mariana Scherer, apontava 0,40mg/litro de sangue, considerado um quadro que beira o coma alcoólico. Nada que trouxesse de volta as outras quatro vítimas do acidente: a irmã de Mariana, Mirian Scherer, 25; Francisco Heidrich, 22 anos; Ana Piovesan, 26 e Estevão Occinato, 28. Todos haviam saído de um bar nas proximidades do campus. Todos embarcaram em uma carona sem fim. Na entrevista à repórter, o policial rodoviário afirma que Mariana, caso viva, responderia pelo artigo 306 do Código de Trânsito Brasileiro: crime de embriaguez.

Após analisar o docudrama 306, algumas considerações foram percebidas. Ao contrário de outros gêneros audiovisuais, o docudrama permite uma linguagem visual mais artística e emocionante aliada a realidade, criando uma tensão diferente das notícias de telejornal, que normalmente não causam mais comoção nos telespectadores.

O gênero docudrama, que se caracteriza por ser uma mistura de ficção com documentário, apresentando fatos que realmente aconteceram, pode ser utilizado como uma ferramenta poderosa no jornalismo interpretativo, pois torna-se mais interessante e portanto, mais cativante aos olhos do telespectador.



BIBLIOGRAFIA

NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário. São Paulo: Papyrus, 2001.

ZANETTI, Daniela. **A poética do cotidiano em curtas metragens: os conflitos sociais entre o drama e a tragédia.** Contemporanea, Vol. 7, No 2 (2009).